

A Agressividade no Meio Audiovisual – Uma Discussão sobre Cinema e Violência

Giovane Sabin

O cinema é uma ferramenta audiovisual extremamente poderosa nos dias atuais, por passar a um público imenso uma mensagem desejada. Não exclusivamente nesse meio, mas em qualquer forma de comunicação e expressão artística, a violência é retratada de uma ampla forma. No cinema, algumas vezes ela ganha um destaque especial, sendo tratada como um fator primordial por alguns diretores. Diante disso, não são poucas as pessoas que acusam os filmes com temáticas mais violentas como um dos principais fatores responsáveis pela hostilidade na sociedade. A partir desse fato, a pergunta que muitas vezes ouvimos é: A violência no cinema fomenta a bestialidade no mundo real? A agressividade é inerente ao ser humano, querendo ou não, ela não deve ser reprimida ou esquecida. Desde os tempos primitivos, o homem é essencialmente agressivo. Essa ambientação com fatores hostis que muitas pessoas definem como prejudicial à sanidade mental, não pode ser julgada de uma forma errônea. Freud afirma que todo o ser humano possui um lado racional e organizado, porém também um caótico e brutal, sendo assim, não é suprimindo uma dessas faces que a personalidade da pessoa será moldada.

Diante dessa discussão, o que podemos rotular como violência? A partir dos trabalhos de Freud, a agressividade é abordada levando em consideração objetivos conceituais. Como citei anteriormente, não é sufocando essa característica que vamos definir uma personalidade. Isso é algo natural, que querendo ou não todos temos. Em determinados momentos estamos mais estressados, irritados, sujeitos a liberarmos essa hostilidade, o problema é quando a agressividade cresce e acaba se tornando a dita violência. No momento em que ela deixa de ser essa expressão hostil, porém saudável, e acaba se tornando destrutiva, abusiva e descontrolada, ela acaba tendo resultados prejudiciais a quem pratica e a terceiros. Diante disso, conforme citei anteriormente, quando reprimimos um sentimento, como essa hostilidade, por exemplo, ela pode muitas vezes vir a se desenvolver e causar problemas. Na sociedade, durante muito tempo, houve uma repressão de

sentimentos, que foi o caminho mais aceitável, porém recentemente ocorreu uma inversão nesse valor, de modo que expressar a raiva é considerado como um ato de preservação da sanidade mental da pessoa. Voltando a citar a violência no cinema, outro ponto que algumas pessoas acabam não levando em consideração é que muitos cineastas tem como fator primordial em seus filmes a discussão e o uso da violência.

Stanley Kubrick é certamente conhecido como um dos diretores de cinema mais importantes de todos os tempos. A frente de seu tempo, Kubrick marcou o cinema com características bastante peculiares, sempre demonstrando muita perícia e competência na realização de seus projetos. Ao compararmos muitas de suas criações, podemos observar uma simetria notável, que demonstra a preocupação que Kubrick possuía, em passar para a tela seus projetos da forma mais metódica possível. Perfeição pode ser uma palavra que resume muitos de seus filmes segundo alguns críticos de cinema. Líder de uma estética revolucionária, suas produções nos levam há um tempo e um espaço não antes introduzidos por nenhum diretor, onde podemos observar uma fotografia extremamente sensível e planejada, planos simétricos e um perfeccionismo, que influenciou e inspirou gerações de cineastas.

Em *Laranja Mecânica*, Stanley Kubrick nos introduz ao conceito da ultraviolência. Em um cenário caótico de uma Londres futura, tomada por gangues de rua que praticam brigas, estupros e até mesmo assassinatos, vemos Alex, um carismático jovem sociopata que lidera uma gangue de desordeiros. O cineasta nos mostra um visual extremamente poderoso e inovador para o mercado áudio visual, desde a época em que o longa foi lançado até hoje. O livro *Laranja Mecânica* de Anthony Burgess é dividido em 21 capítulos, ilustrando o fato de 21 anos ser o marco da evolução mental para a fase adulta. Nos primeiros capítulos, temos um Alex DeLarge (*Malcolm McDowell*) mimado, sustentado pelos pais, gastando todo o seu esforço e suas energias em cometer crimes inseridos na ultraviolência a fim de proporcionar-lhe uma diversão sádica. Após “dançar um balé sexual”, matar uma senhora e ser traído por seus companheiros, Alex vai preso. Com a finalidade de ser libertado, o protagonista é voluntário a uma experiência que o leva a não conseguir mais suportar a violência que praticava anteriormente. Doutrinado por uma técnica experimental, Alex vai sendo drogado e forçado assistir a vários filmes violentos,

com isso desenvolvendo um mal-estar e uma incapacidade de conviver ou presenciar situações brutais. O resultado disso é um ser humano que não tem a capacidade de ponderar seus atos e julgá-los por um conhecimento adquirido no decorrer de sua vida, um indivíduo privado de escolhas, de caminhos optados com base em suas experiências de vida, seus erros e acertos, e sim uma pessoa reclusa que apenas não suporta a violência de forma alguma, passando mal quando é submetido à mesma.

No fim do livro, esse resultado é revertido e a capacidade de praticar a ultra violência de Alex volta, porém, no último capítulo, ele atinge a maturidade citada anteriormente, quando resolve desistir desses atos e encarar a responsabilidade de uma vida comum, escolha que ele mesmo realizou, sem o uso de nenhuma técnica. Kubrick acabou cortando o último capítulo do livro no filme, tendo assim um desfecho diferente. Quando estreou no Reino Unido, o filme foi fortemente criticado como extremamente violento. Diante desse fato, o cineasta tirou o longa de cartaz, estipulando que ele só voltaria a ser exibido no local após a sua morte.

No decorrer dessa “doutrinação”, o protagonista é submetido à violência psicológica, onde vai enfrentando problemas e desenvolvendo traumas, o que chega a um ponto de ironia, pois, depois de ter causado diversos efeitos negativos e problemas para as pessoas, é a sua vez de sofrer com isso. Kubrick é vanguardista em trabalhar transtornos psicológicos em seus personagens tendo como resultado a violência, como vemos também em *O Iluminado*, onde o protagonista vai ficando mais insano a cada momento. Essa loucura que o cineasta discute anda paralelamente com a violência passada em suas produções.

O longa *Nascido para Matar* foi dividido em duas partes. Ambas são narradas com base no ponto de vista do soldado Joker (*Matthew Modine*). A base de muita humilhação e degradação, o Sargento Hartmann (*R. Lee Ermey*) vai treinando e comandando seu novo pelotão na primeira parte do filme. Retratado como um arquétipo de um oficial militar linha dura treinando seu batalhão, essas cenas mostram com perfeita clareza um dos temas que o enredo trata: a desumanização. Em certo momento do filme, Leonard Lawrence (*Vincent D'Onofrio*), um dos soldados humilhados pelo Sargento, resolve dar um basta nessas atitudes recorrendo a uma solução simples.

Tanto Alex DeLarge, quanto Leonard foram vítimas da violência psicológica,

resultando em um trauma. Freud define a incapacidade de se libertar da ab-reação, essa liberação de emoções, como um dos fatores causadores do trauma. Justamente essa a discussão que Kubrick queria fazer sobre o soldado Lawrence, que após ter seus sentimentos, suas frustrações e seus medos afogados e reprimidos, simplesmente explodiu. Alex foi trabalhado de uma forma um pouco diferente. Era costume do protagonista liberar essa raiva constantemente, onde a agressividade virou uma violência gratuita, quando o experimento o deixou incapaz dessa liberação.

Quando falamos em violência, não podemos deixar de citar Quentin Tarantino. Mestre em literalmente criar “banhos de sangue” em seus filmes, Tarantino é notoriamente conhecido como um diretor que individualizou-se em um patamar específico desse processo, ao inserir a violência justificada a fim de criar uma catarse em seus enredos. Conhecido por utilizar roteiros não lineares, acontecimentos paralelos e diálogos marcantes, é impossível encontrar sequer um filme desse cineasta em que a violência não esteja presente, sendo um dos fatores primordiais tanto na estética quanto na história.

Como exemplo do que foi citado acima, utilizo o filme *Bastardos Inglórios* para discutir sobre a violência justificada. Esse enredo é estruturado em histórias paralelas, nos contando duas narrativas que acabam se chocando no final do filme. Na trama vemos um grupo de soldados escalpelando, matando e torturando os nazistas. Combinando essas ações com o carisma de seu oficial superior, Aldo Raine (*Brad Pitt*), Tarantino nos introduz a um enredo que foge dos demais sobre a Segunda Guerra Mundial. De outro lado, temos uma judia chamada Emmanuelle Mimieux (*Mélanie Laurent*), que como o grupo de Raine, tendo por objetivo assassinar, por vingança, os líderes políticos nazistas, incluindo Adolf Hitler. Tendo um conhecimento histórico, sabemos muito bem que a Segunda Guerra Mundial não ocorreu como foi retratada nesse longa. A guerra não foi engraçada, não teve final feliz. Mesmo com os nazistas perdendo a Guerra, houve milhões de mortes de ambos os lados. Tarantino tenta amenizar esse pesar no filme. A principal violência inserida no longa é contra os próprios nazistas, onde o grupo de Raine tem o prazer de torturá-los. O final é da mesma forma desestruturado com a finalidade de criar uma catarse. Sabemos que a vitória da Guerra foi relativa, e muitos nazistas que se renderam acabaram tendo a pena reduzida e viveram (ou vivem) suas vidas como

se nada tivesse acontecido. Na realidade, eles não tinham medo dos Judeus como mostrado no filme. É justamente essa a discussão que o cineasta quer realizar, sobre como a vitória foi relativa.

Toda a violência presente no filme é justificada, justamente pelo fato do diretor querer criar uma catarse, algo como um equilíbrio no desfecho da história, uma certa vingança contra os nazistas, que foram ridicularizados no enredo. Da mesma forma, Tarantino discute a questão da escravidão em seu filme *Django Livre*. O escravo Django (*Jamie Fox*), após ganhar a liberdade, sai em busca de sua esposa e de vingança matando quem se põe em seu caminho. Assim como no filme citado anteriormente, nesse as “coisas entram nos eixos” em seu desfecho, quando o protagonista liberta a sua esposa tendo um final fantasioso quando comparamos com o mundo real. Mesmo com o fim da escravidão, sentimos até hoje as consequências que ela causou, desde o racismo até a questão de como no início principalmente o trabalho assalariado foi mais difícil para o negro do que para o branco. Novamente o cineasta discute como a vitória foi parcial, realizando uma crítica em suas obras de que toda a conquista, nos dois temas, foi relativa.

O núcleo de toda a violência nos filmes de Quentin Tarantino, agora não tratando exclusivamente dos exemplos dados acima, mas em toda a sua obra, é o fato de que nunca há violência gratuita em seus filmes. Nos dois casos que citei, o diretor discute a vitória relativa, nos introduzindo a violência de uma forma irônica, pois os Nazistas não tinham medo dos Judeus, nem os grandes latifundiários de seus escravos, a situação era invertida. A violência tratada foi para mostrar justamente essa relatividade com um toque de ironia. Foi como uma vingança contra os nazistas, retratá-los dessa forma em sua produção. Da mesma forma, em *Kill Bill* o enfoque principal da narrativa é sobre vingança. Encontrar muitos banhos de sangue, brigas, assassinatos, agressões físicas e verbais é marca assinada nos filmes do Tarantino. Porém tudo lá é colocado com um propósito, seja qual for a discussão que o cineasta pretende realizar em determinado filme, no caso de *Kill Bill*, a vingança.

Mesmo não se tratando de formas de entretenimento exclusivamente saudáveis, não há motivo para censurar filmes que apresentam uma temática violenta, visto que Freud define que todos temos em nosso subconsciente um fator agressivo, que não deve ser reprimido, pois pode vir a se desenvolver de forma

negativa na personalidade do indivíduo, porém é importante ressaltar que a agressividade pode por descuido crescer e virar violência no comportamento humano, que acontece de ser prejudicial tanto a pessoa que pratica, quanto a terceiros.

Referências

Agressividade e violência: qual é a diferença. Disponível em: <<http://psicologiaejuventude.blogspot.com.br/2011/09/agressividade-ou-violencia-qual.html>>. Acesso em 29 Jul. 2014.

A questão da agressividade e a teoria freudiana. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9985/9985_3.PDF>. Acesso em 18 ago. 2014.

CAMPAGNARO, 2013. Disponível em: <<http://fatossaoteimosos.blogspot.com.br/2013/02/bastardos-inglorios-e-django-livre-duas.html>>. Acesso em 10 Jul. 2014.

FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico – Volume XIV*. N.I: Imago, 1924.

SAÇASHIMA. E. *A Questão da “Violência” no cinema de Stanley Kubrick*. Universidade de São Paulo, 2007